

Sem título – o dossiê ainda em processo

Alexandre Sá

Quando fui convidado para integrar a comissão editorial da revista *Concinnitas*, soube desde o primeiro momento que essa tarefa não seria fácil, fundamentalmente porque agora estávamos trabalhando em grupo e porque as decisões sobre o encaminhamento da revista seriam tomadas de forma dialética, tendo então que lidar com a pluralidade de opiniões, caminhos, posturas, com as dificuldades operacionais da própria publicação que agora é virtual e que engloba um processo imbricado de afinação de propostas, dificuldades de agenda dos quatro editores, problemas técnicos com a atualização do próprio site, enormes entraves financeiros e infinitos prazos diante de uma lógica de produção atual que é infelizmente, mercadológica e empresarial. Tudo já estava dado, e, apesar disso, arrisquei tal desejo, muito fundamentado no interesse que tenho desde sempre sobre as relações conflituosas entre os campos da imagem e da palavra. A revista surgia como uma interessante possibilidade de experimentação, em que posso até investigar um pouco mais esse duelo interminável que se estabelece dentro da própria língua diante de seu afã de traduzir aquilo que a princípio é intraduzível.

Para esta edição, resolvemos propor um tema: América Latina. E cada editor preparou um pequeno dossiê com textos selecionados e atravessados pelo tema norteador fundamentando a escolha e o desejo de tais textos em conjunto. Ao longo de alguns dias fiquei pensando sobre o que realmente me interessava enquanto pesquisa e quais elementos seriam determinantes para que o convite pudesse começar a ser efetivado. Apesar do tema delimitador/determinante, achei que seria ingênuo perseguir a construção absoluta de um alvo temático que desconsiderasse todas as infinitas camadas de relações que envolviam este dossiê de agora. Além de a revista estar passando por nítida fase de ajuste e redescoberta de suas fronteiras, esse trabalho seria/é meu primeiro movimento dentro da publicação. É, na verdade, como o gesto que demora minutos para mover apenas uma peça no jogo de xadrez, simplesmente um exercício de chegada que precisaria antes de mais nada considerar as intenções e os interesses que atravessam meu próprio pensamento.



Como me situo numa área híbrida das artes visuais – que envolve ensino, crítica e alguma produção –, achei interessante discutir um elemento que gradativamente tem-se revelado importante em minha trajetória: a curadoria. Não apenas a curadoria no sentido estrito, mas a probabilidade espreada de pensar a curadoria de maneira expandida, absorta, explodida, rizomática, como se fosse possível, por mais utópico que pareça, uma curadoria anticuratorial, uma proposta de seleção (até de textos) que injeasse a audácia de uma obra eternamente aberta e absolutamente sem respostas. E assim, para além de uma rota de navegação bem delimitada sobre as marés a atravessar ao longo deste território insípido e parcial que se chama América Latina, optei por convidar para uma proximidade absolutamente íntima alguns amigos; pensadores que respeito completamente e que cada vez mais conseguem atuar numa esfera deslizante entre eixos e que desejam todo o tempo reverter os espaços conceituais e epistemológicos em que a princípio, se o conforto nos fosse suficiente, estaríamos encarcerados.

Paradoxalmente, o dossiê começa com texto de uma pessoa que ainda não conheço pessoalmente, Sofia Olascoaga, curadora independente que atua no interstício da arte e do ensino da arte. Advertencia: más preguntas que respuestas. Questionário invertido sobre la práctica artístico-pedagógico-curatorial foi publicado como resultado de uma série de observações feitas durante o seminário Reconfigurações do público: arte, pedagogia e participação, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 2011 e, como o próprio nome indica, lança um conjunto de perguntas reverberadas que talvez jamais encontrem uma resposta justa, construindo uma atmosfera de reflexão errática que fertilizará o solo para que surjam os outros textos. Práticas artísticas de fronteira: alguns tópicos para reflexão, de Luciano Vinhosa, também publicado no contexto daquele seminário, é agora revisto, revisitado, reavaliado; provocando também um conjunto imbricado de linhas de força sobre a dissolução dos limites e sobre a reinvenção da impropriedade dos lugares e dos conceitos. Fernanda Pequeno nos brinda com um texto inédito sobre a prática curatorial, lançando algumas proposições históricas e associações inusitadas com Curadoria: ensaios & experiências. E, ao final, Daniela Mattos em A performance da curadoria traz um registro contundente de exposição concebida por ela e com a participação de três duplas de artistas convidados (eu entre eles) que, através de complexo diálogo, idealizavam partituras de ações que foram realizadas pela artista-curadora no *vernissage*.